



## **POLÍTICA ANALFABETA, MAS DEMOCRÁTICA**

Neste ano de eleições municipais, outro assunto vem preocupando os eleitores fora a escolha de seus candidatos.

Na avaliação de cada aspirante a ocupar o cargo, vários pontos devem ser levados em consideração (afinal, ele representará nossas vontades no âmbito municipal): caráter, honestidade, boas propostas e, também, por que não, a sua escolaridade e capacidade intelectual. A vida política pede isso.

Pesquisas sobre a escolaridade dos atuais candidatos a vereador revelam que 40% deles têm, no máximo, o ensino fundamental. Um dado um tanto alarmante, não? Não fosse só isso, os testes ainda comprovam que a maioria dos futuros políticos não sabe sequer escrever direito, quem dirá interpretar um texto. Imagina como será quando esse mesmo político tiver de analisar um projeto de lei? Realmente, não dá nem para imaginar.

Esse episódio seria inadmissível se não fosse o fato de esses vereadores representarem cidades mais analfabetas que os próprios, onde saber ler (mesmo que precariamente) já é um marco. Eles são a nata dos “letrados” de seus municípios. Como cobrar mais?

Não há solução para esse problema. Ou se exige maior escolaridade aos candidatos e se deixam milhares de cidades sem voz política, ou fica-se do jeito como está, com vereadores semianalfabetos, interpretando e julgando decisões políticas com a pouca base que lhes foi dada.

Letícia B. Albuquerque  
3º Ano do Médio / Itapema  
2004